

A eleição presidencial de 2006 no Brasil: continuidade política e mudança na geografia eleitoral

Cesar Romero Jacob
Dora Rodrigues Hees
Philippe Waniez
Violette Brustlein

1. Introdução

A disputa presidencial de 2006 apresentava aos dois principais candidatos, Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), que buscava a reeleição, e Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), alguns importantes desafios para que pudessem alcançar a vitória nessas eleições. Para Lula, seria fundamental manter o amplo leque de apoio que conseguiu na eleição de 2002, na qual obteve uma vitória consagrada. Já para Alckmin, o seu principal desafio seria recompor as alianças bem sucedidas com as forças *conservadoras*, que permitiram as vitórias eleitorais do seu correligionário político, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), em 1994 e 1998.

Além de se pretender analisar os desafios de Lula e Alckmin, procurou-se também examinar possíveis modificações na geografia eleitoral brasileira em 2006. Estudos já realizados por nossa equipe, com base no mapeamento dos resultados das eleições presidenciais de 1989, 1994, 1998 e 2002, demonstraram que determinadas áreas do país apresentaram comportamentos eleitorais que se mantiveram regulares, nessas quatro eleições consecutivas¹. De fato, a identificação de estruturas territoriais relativas a padrões de comportamento político, ao longo do tempo, foi capaz de revelar tendências *ideológicas* do eleitorado.

Assim, uma vez que os candidatos Fernando Collor de Melo, do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), em 1989, Fernando Henrique, em 1994 e 1998, e José Serra (PSDB), em 2002, foram apoiados por forças políticas de *direita* e Lula (1989, 1994, 1998 e 2002) de *esquerda*, pode-se perceber que, em certas regiões, o

eleitorado tende a votar de forma mais *conservadora*, enquanto noutras, de modo mais *progressista*. Nesse sentido, Collor, Fernando Henrique e Serra alcançaram seus mais elevados percentuais, sobretudo, num vasto espaço no interior do país, enquanto Lula obteve suas melhores votações, principalmente, num grande número de capitais estaduais.

Desse modo, neste artigo, vamos investigar a distribuição espacial dos votos, não só dos candidatos do PT e do PSDB, mas também dos dois outros concorrentes mais importantes, Heloísa Helena, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e Cristovam Buarque, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), procurando avaliar, através do mapeamento dos resultados eleitorais², se houve ou não mudanças na geografia eleitoral brasileira em 2006, em relação aos padrões já identificados nos pleitos presidenciais anteriores.

Para cada um dos candidatos foram mapeados, no primeiro turno, o número absoluto de votos e sua porcentagem em relação aos votos válidos; para os candidatos do PT e PSDB mapeou-se também o número de pontos ganhos ou perdidos em relação à disputa que esses dois partidos travaram na eleição presidencial anterior, a de 2002. Já para o segundo turno, foram elaborados os mapas com o número absoluto e a porcentagem dos votos dos dois candidatos concorrentes, além de mapas para Lula e Alckmin com a diferença em pontos percentuais entre o primeiro e o segundo turno de 2006.

O nível de observação adotado para os mapas do Brasil foi o das microrregiões geográficas. Em número de 558, elas foram delimitadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a fim de se constituírem num nível territorial intermediário entre os 26 Estados da Federação, grandes demais para permitirem uma análise detalhada do território nacional, e os 5 550 municípios, difíceis de serem representados graficamente, para o conjunto do país (Fig. 01).

2. As eleições presidenciais de 2006

As eleições presidenciais de 2006 foram disputadas por oito candidatos, simultaneamente com as eleições para o Senado Federal, a Câmara dos Deputados, os Governos Estaduais e as Assembleias Legislativas. A análise dessas eleições presidenciais levará em conta apenas os quatro candidatos mais votados no país: Luiz Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque.

2.1. Luiz Inácio Lula da Silva

O mapa com o desempenho de Lula, que obteve 48% dos votos no primeiro turno das eleições presidenciais de 2006, revela, de imediato, que o candidato demonstrou ter bases de sustentação em todo o território nacional (Fig. 02). Apesar

disso, ao se analisar os seus percentuais de votos, verificam-se acentuados contrastes regionais, com votações que variam de 19% a 86% (Fig. 03). Assim, as mais elevadas estão concentradas nas Regiões Nordeste e Norte, em oposição ao Sul e Centro-Oeste. Na verdade, é na Região Nordeste que o candidato alcançou o seu desempenho mais espetacular, sobretudo em Pernambuco, Ceará, Piauí e Maranhão. Já o Sudeste apresentou-se dividido, uma vez que São Paulo votou majoritariamente em Alckmin, enquanto Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo contribuíram para o sucesso eleitoral de Lula.

As elevadas votações no Nordeste e Norte se devem, em grande medida, aos programas sociais do Governo Lula, como o Bolsa Família, o Pronaf (programa de apoio à agricultura familiar), o Luz para Todos (programa de eletrificação rural), que beneficiaram camadas pobres da população, em sua maior parte, moradores do Nordeste e Norte³.

Já as votações mais baixas do Sul e Centro-Oeste parecem estar ligadas à cotação da moeda brasileira, que naquele momento afetava a atividade agrícola, especialmente as grandes explorações ligadas à exportação. Assim, o agronegócio do Sul e do Centro-Oeste vinha sofrendo perdas financeiras, com a valorização do real frente ao dólar. Embora de naturezas diferentes, tanto no caso do Nordeste e Norte, quanto no Sul e Centro-Oeste, foram fatores econômicos que contribuíram para as altas e baixas votações de Lula nessas regiões. Ou seja, para um lado ou para o outro, o *bolso* influenciou as escolhas do eleitor no primeiro turno. Portanto, não houve nesta eleição uma divisão simplista entre a metade-norte e a metade-sul do país, entre um Brasil pobre e um Brasil rico, como poderia parecer, mas sim entre interesses específicos de diferentes grupos de eleitores.

Ao se analisar o mapa da diferença das votações de Lula, do primeiro turno de 2006 para o primeiro de 2002, pode-se observar que se deu uma inversão na geografia eleitoral do candidato: do bom desempenho alcançado nas regiões Sul e Sudeste, na eleição de 2002, tem o foco de suas votações deslocado, em 2006, para o Nordeste e Norte (Fig. 04).

Assim, a nova geografia eleitoral do candidato à reeleição poderia indicar que, enquanto os eleitores das regiões Nordeste e Norte teriam dele a percepção de um presidente que estaria governando para os habitantes pobres das regiões mais pobres do país, os eleitores das regiões Sul e Centro-Oeste pensariam que o Presidente Lula não estaria dando a devida atenção aos efeitos negativos sobre a economia regional decorrentes da valorização da moeda brasileira frente à americana.

2.2. Geraldo Alckmin

A distribuição dos votos de Alckmin, no primeiro turno, quando ele obteve 42% dos votos válidos, revela que o principal adversário de Lula demonstrou ter

também, nestas eleições, bases de sustentação em todo o território nacional (Fig. 05). Apesar disto, ao se analisar os seus percentuais de votos, observam-se acentuados contrastes regionais, uma vez que eles variaram de 10% a 75% (Fig. 06). O candidato do PSDB alcançou as suas maiores votações nas Regiões Sul e Centro-Oeste. Na Região Sudeste, apresentou excelente desempenho apenas em São Paulo, estado em que esteve na direção do governo por seis anos. Além disso, obteve ainda boas votações na Região Norte, sobretudo no Pará e em Roraima, estados em que o seu partido tem comandado os governos estaduais.

Ao contrário de Lula, Alckmin foi beneficiado eleitoralmente em São Paulo e nas regiões Sul e Centro-Oeste exatamente por causa dos problemas decorrentes do câmbio que vinham afetando a agricultura dessas regiões. Como se sabe, essas áreas, onde o agronegócio voltado para a exportação é muito forte, estavam sendo prejudicadas pela valorização do real face ao dólar. Chama a atenção o fato de que mesmo numa parte do Sul do país, que abrange o norte do Rio Grande do Sul, o oeste de Santa Catarina e o sudoeste do Paraná, área onde Lula obtinha frequentemente elevadas votações, Alckmin teve aí um bom desempenho.

Ao contrário dos beneficiados pelo programa de agricultura familiar do Nordeste e Norte, os pequenos produtores rurais dessas áreas do Sul, que integram o complexo do agronegócio de exportação, foram também prejudicados pelo câmbio, o que levou a um crescimento das votações do candidato do PSDB e a uma redução do apoio a Lula.

O mapa que mostra a diferença de votação entre Alckmin e José Serra, candidatos do PSDB em 2006 e em 2002, respectivamente, revela importantes mudanças na geografia eleitoral de um candidato em relação ao outro (Fig. 07). Assim, Alckmin cresceu até 41 pontos percentuais em áreas da Região Sul, ao passo que na Região Nordeste registrou decréscimos de até 66 pontos percentuais. Essas mudanças no desempenho de Alckmin em relação ao de Serra poderiam ser atribuídas, além dos problemas decorrentes do câmbio, no centro-sul do país, aos programas sociais do governo Lula para o Nordeste e Norte.

2.3. *Heloísa Helena*

A candidata Heloísa Helena, que obteve 6% dos votos nacionais, situando-se em terceiro lugar nestas eleições, apresentou votações significativas apenas em Brasília e nas capitais estaduais, revelando desse modo a falta de apoio à sua candidatura no interior do país (Fig. 08). Já em termos percentuais, percebe-se um melhor desempenho da candidata nos estados do Rio de Janeiro e de Alagoas, onde recebeu votações entre 13% e 22%, muito superiores à sua média nacional (Fig. 09).

Pode-se pensar que a boa *performance* nas capitais deva-se à sua campanha de forte conteúdo moral, com críticas contundentes aos desvios éticos ocorridos

no governo Lula. Como se sabe, Heloísa Helena, que tinha sido eleita senadora pelo PT, em 1998, por Alagoas, foi expulsa do partido, em 2003, por votar contra importantes propostas de reformas enviadas por Lula ao Congresso Nacional. Naturalmente, este tipo de discurso de oposição tem mais eco junto à classe média escolarizada dos grandes centros urbanos. Já no interior das Regiões Nordeste e Norte, Heloísa Helena apresentou um fraco desempenho, o que se deveu à forte adesão dos eleitores dessas regiões mais pobres à candidatura do Presidente Lula.

2.4. Cristovam Buarque

O candidato do PDT, Cristovam Buarque, que recebeu 3% dos votos nesta eleição presidencial, situando-se em quarto lugar, apresentou, em termos absolutos, votações significativas em Brasília e num reduzido número de capitais estaduais, revelando assim a falta de sustentação à sua candidatura na maior parte do território nacional (Fig. 10). Ao se analisar os seus percentuais, observa-se uma distribuição de votos concentrada nos estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, onde obteve votações superiores à sua média nacional num grande número de micror-regiões (Fig. 11).

Os mais altos percentuais obtidos pelo candidato do PDT no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul deve-se ao fato de aí se encontrarem as bases políticas remanescentes de Leonel Brizola, fundador desse partido. Cabe lembrar que Cristovam Buarque, que foi eleito senador pelo PT do Distrito Federal, em 2002, e nomeado por Lula seu Ministro da Educação, abandonou o partido, em 2004, com críticas ao que ele considerava pouco investimento do governo federal na educação fundamental. Em sua campanha teve, então, como bandeira política a melhoria do ensino fundamental no país.

2.5. O segundo turno

Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito, de forma espetacular, por ocasião do segundo turno, com 58 milhões de votos, correspondentes a 61% do total de válidos, com uma diferença confortável de 22 pontos percentuais em relação a Alckmin, que recebeu 39%. Assim, Lula apresentou um enorme crescimento, do primeiro para o segundo turno, de 11,5 milhões de votos, o que significou 13 pontos percentuais a mais.

O mapa com os números absolutos de votos para Lula, no segundo turno, se assemelha ao da distribuição da população brasileira, com grande destaque para as duas capitais mais importantes do país, São Paulo e Rio de Janeiro, e a metade-leste do Brasil, que é a sua parte mais densamente povoada (Fig. 12).

A distribuição dos seus percentuais de votos no segundo turno se assemelha, naturalmente, à do primeiro, observando-se um aumento das suas votações em todo o território nacional, que variaram de 28% a 92% (Fig. 13). De fato, ao se analisar o mapa da diferença dos percentuais entre o primeiro e o segundo turno, constata-se que Lula cresceu em todas as 558 microrregiões brasileiras, com aumentos mais acentuados, porém, no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Alagoas e Roraima (Fig. 14).

Ao contrário de Lula, a distribuição dos números absolutos de votos para Alckmin, no segundo turno, se apresenta muito concentrada nas Regiões Sudeste e Sul, sobretudo no estado de São Paulo (Fig. 15). A distribuição dos percentuais de votos para Alckmin, no segundo turno, se mostra muito parecida com a do primeiro, observando-se, no entanto, uma redução dos seus percentuais na quase totalidade do território nacional, que variaram de 8% a 72% (Fig. 16).

Assim, ao se analisar o mapa com a diferença dos percentuais entre o primeiro e o segundo turno, constata-se que Alckmin sofreu perdas em 535 das 558 microrregiões brasileiras, o que se deu principalmente em Minas Gerais, Goiás, Tocantins e Ceará (Fig. 17). Ele registrou crescimento em apenas 23 microrregiões⁴, das quais 10 são capitais estaduais, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Em termos globais, no entanto, o candidato do PSDB, que recebeu no segundo turno 37 milhões de votos, perdeu em relação ao primeiro cerca de 2,4 milhões de votos, o que significou menos 3 pontos percentuais de um turno a outro.

3. Conclusão

A análise do desempenho dos principais candidatos à presidência da República em 2006 revelou profundas mudanças na geografia eleitoral brasileira. O mapeamento das eleições presidenciais anteriores mostrou a recorrência de certos comportamentos políticos, com o eleitorado votando de forma mais *conservadora*, em certas regiões do país, enquanto noutras, de modo mais *progressista*.

Assim, quando se considerava uma clivagem baseada em grau de urbanização da população, constatava-se que o desempenho dos principais candidatos à presidência se diferenciava, em grande parte, em função desse fator. Nesse sentido, Fernando Collor (1989), Fernando Henrique (1994 e 1998) e José Serra (2002), apoiados por forças políticas de *direita*, obtiveram seus melhores resultados em municípios menos urbanizados que apresentavam, frequentemente, menores níveis de alfabetização e maiores discrepâncias de rendimentos.

Já Lula, sustentado por setores de *esquerda*, alcançava suas melhores votações em municípios mais urbanizados, onde também se registravam níveis de alfabetização mais altos e menores discrepâncias quanto aos rendimentos. Tal situação deve-se, provavelmente, ao fato de o eleitorado dos grandes centros urbanos ter, normalmente, um comportamento político mais independente, ao contrário dos

eleitores dos pequenos municípios que, com frequência, se encontram submetidos ao poder dos grandes proprietários de terra do interior do Brasil.

Em 2006, ao contrário das eleições anteriores, foi observada uma nova clivagem no comportamento eleitoral, de orientação norte-sul, baseada no grau de desenvolvimento regional, na qual se diferenciam as Regiões Norte e Nordeste, mais pobres, das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, mais dinâmicas em termos econômicos. Assim, é nas regiões que apresentam maiores contrastes quanto aos níveis de educação e renda que Lula alcançou seu melhor desempenho.

Na verdade, o voto para Lula nas regiões mais pobres do país se constitui numa novidade na geografia eleitoral brasileira. Este fato se deve, entre outras razões, aos programas sociais do governo Lula, sobretudo o Bolsa Família, cujos beneficiários se encontram em sua maior parte no Norte e Nordeste.

Tal mudança no comportamento eleitoral nessas regiões desperta, naturalmente, muitas indagações. Teria se dado uma *libertação das massas*, especialmente das nordestinas, do domínio político secular das oligarquias regionais? Teria ocorrido uma adesão dessas oligarquias ao candidato do PT? Ou, ainda, teriam as oligarquias regionais se enfraquecido durante o primeiro governo Lula?

Pode-se pensar que o excelente desempenho do candidato do PT no Nordeste, em 2006, resulte da conjugação de diferentes fatores, com dosagens variadas de um estado a outro. A título de exemplo, vale a pena observar o que aconteceu com as oligarquias do Maranhão e da Bahia. Como se sabe, esses dois estados foram dominados durante muitos anos pelos senadores José Sarney e Antonio Carlos Magalhães, respectivamente.

Apesar de esses dois senadores terem seguido caminhos diferentes nas eleições presidenciais de 2006, com Sarney apoiando Lula e Antonio Carlos Ihe fazendo oposição, ambos tiveram, no entanto, os seus candidatos aos governos estaduais derrotados por postulantes sustentados por partidos políticos que tradicionalmente Ihe faziam oposição.

Assim, assistiu-se nestas eleições à vitória de candidatos de partidos de *esquerda* em sete dos nove estados nordestinos, com o PT elegendo os governadores do Piauí, Sergipe e Bahia; o Partido Socialista Brasileiro (PSB) os do Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco; e o PDT o do Maranhão. Portanto, os programas sociais do governo Lula, ao beneficiarem o Nordeste, acabaram enfraquecendo o poder das oligarquias e tornando mais competitivos os partidos de *esquerda* na Região.

Da mesma forma que o candidato do PT, a geografia eleitoral de Alckmin se alterou profundamente nestas eleições em relação ao padrão apresentado pelos candidatos do PSDB nas disputas anteriores, ao se deslocar das áreas mais pobres do Norte e Nordeste para as áreas mais desenvolvidas do centro-sul do país, que tiveram a economia regional prejudicada pela valorização do real frente ao dólar.

Assim, se por um lado, os bem sucedidos programas sociais do governo Lula abalaram o poder das máquinas oligárquicas nas regiões mais pobres do país, que nas eleições anteriores atuavam a favor dos candidatos do PSDB, por outro, o êxito da política de recuperação da moeda brasileira frente às estrangeiras resultou, paradoxalmente, em prejuízo eleitoral para o candidato petista.

Além da análise das mudanças na geografia do voto dos candidatos do PT e do PSDB, outro aspecto que deve ser levado em consideração é o desempenho eleitoral dos postulantes desses dois partidos à presidência da República, nas eleições ocorridas entre 1989 e 2006, uma vez que esses dois partidos tiveram papel importante nessas disputas.

Assim, ao se examinar a *performance* de Lula nas cinco eleições presidenciais do período pós-ditadura militar, observa-se que o candidato do PT apresentou em todas elas um sucessivo crescimento dos seus percentuais. Levando-se em conta apenas os números de primeiro turno, o candidato obteve os seguintes resultados: 1989 (17%), 1994 (27%), 1998 (32%), 2002 (46%) e 2006 (48%). Essa trajetória ascendente tem explicações diversas.

Até 1998, o crescimento de Lula se dava basicamente no campo da própria *esquerda*, eleitorado que ele dividia com Leonel Brizola, do PDT. Em 1989, Brizola ficou com 16% dos votos, em 1994, com 3% e, em 1998, foi candidato a vice-presidente na chapa encabeçada por Lula. De fato, as votações de Lula, somadas com as de Brizola, totalizavam sempre um terço do eleitorado, o tamanho da *esquerda* no país. Nesse período, enquanto Lula crescia, a cada eleição de que participava, Brizola se enfraquecia.

Quando Lula se afirma como o principal líder de *esquerda* do país, constata que para chegar à presidência ele precisaria muito mais do que a terça parte dos votos das *forças progressistas*. Com tal objetivo, teria que fazer um movimento para o centro, disputando este eleitorado com o PSDB. O movimento da candidatura Lula em direção ao centro se deu através de uma nova estratégia eleitoral que incluiu, entre outras coisas, uma Carta ao Povo Brasileiro, garantindo que não haveria mudanças radicais na economia; uma mudança no perfil do candidato, deixando de ter a imagem de um líder sindical radical para se transformar num socialista moderno, de tipo europeu; e alianças com setores das oligarquias regionais, que dominavam vastas áreas do interior do país e que tinham rompido com Fernando Henrique, durante o seu segundo mandato (1999-2002). Esta nova estratégia foi vitoriosa e Lula venceu no segundo turno de 2002 com 61% dos votos.

Já nas eleições de 2006, o sucesso eleitoral de Lula parece estar associado a novos fatores: a recuperação do Plano Real, com a economia apresentando bons indicadores, como inflação de 3% ao ano, dólar barato, aumento do salário mínimo acima da inflação, queda do risco-país, pagamento da dívida do FMI, etc.; a racionalização e ampliação dos programas sociais criados por Fernando Henrique,

reunindo o Auxílio-Gás, o Bolsa-Escola e o Vale-Alimentação num só programa, o Bolsa Família, que atende a 11 milhões de famílias; o estabelecimento de um amplo leque de alianças políticas, que incluía desde partidos de *esquerda*, políticos populistas, pastores evangélicos pentecostais até oligarquias regionais; e por fim a adoção de um discurso anti-privatização, para conquistar parte da classe média insatisfeita com o aumento das tarifas dos serviços públicos, após a privatização realizada pelo governo Fernando Henrique.

Ao contrário do candidato petista, os postulantes do PSDB apresentaram trajetória irregular, considerando-se os resultados do primeiro turno das eleições: Mario Covas com 11% em 1989, Fernando Henrique com 54% em 1994 e 53% em 1998, José Serra com 23% em 2002 e Alckmin com 42% em 2006. Tal trajetória se deve, naturalmente, a diversos fatores, entre os quais, pode-se destacar o desempenho dos candidatos durante a campanha, a capacidade de unir o seu próprio partido e de estabelecer alianças com outras forças políticas, o *marketing* eleitoral, etc.

Nestas eleições, Alckmin apresentou um desempenho muito superior ao de Serra, ao registrar um crescimento de 19 pontos percentuais entre 2002 e 2006. Apesar disso, a sua estratégia eleitoral, que incluía a defesa de um choque de gestão na administração pública e críticas à corrupção detectada no governo Lula, não conseguiu sensibilizar os eleitores, a ponto de reverter a vantagem do candidato petista.

A despeito do amplo arco de alianças políticas estabelecidas, que incluía desde um partido de *direita*, como o Partido da Frente Liberal (PFL), até um partido de *esquerda*, como o Partido Popular Socialista (PPS), passando por agremiações de centro, como o PSDB, tal esforço não foi suficiente para vencer o candidato Lula. Mas, se perder uma eleição é um fato natural em disputas políticas, surpreende não ter havido crescimento da votação de Alckmin, do primeiro para o segundo turno. Ao contrário, chama atenção ter se verificado uma perda acentuada de votos. Este fato causa estranheza considerando-se que não houve nenhum acontecimento negativo em sua campanha, entre os dois turnos, que pudesse justificar tamanha redução.

Para concluir, podemos dizer que Lula se valeu, nesta eleição, da mesma *fórmula política* utilizada por Fernando Collor em 1989 e Fernando Henrique em 1994 e 1998. Para se ganhar as eleições presidenciais, num país de dimensões continentais e tão diversificado como o Brasil, é preciso levar em consideração as estruturas de poder existentes no território. Para isto, é necessário fazer alianças com oligarquias locais e regionais, que dominam os *grotões*, pequenos municípios pobres do interior do país, onde estão concentrados 46% dos eleitores; conquistar o apoio de políticos populistas e pastores evangélicos pentecostais, que têm uma presença forte nas periferias metropolitanas pobres; e, por fim, ter um discurso

atraente para a classe média urbana escolarizada, no seio da qual há mais diversidade de opinião, o voto é mais volátil e se trava a verdadeira batalha entre propostas de governo.

Assim, pode-se dizer que para se vencer nos *grotões* e nas periferias metropolitanas pobres, é fundamental ter o apoio das máquinas partidárias e religiosas que aí estão muito presentes. Já para se ganhar nos grandes centros urbanos é essencial conquistar o voto de opinião, dos eleitores mais independentes das máquinas partidárias e religiosas. Isto é possível através da realização de pesquisas qualitativas que orientam os candidatos a dizer aquilo que o eleitor médio deseja ouvir por parte dos postulantes à presidência da República.

Nesse sentido, é que Alckmin explorou o que as pesquisas indicavam ser o ponto fraco do governo Lula, os desvios éticos praticados por alguns membros do PT, enquanto para Lula as sondagens de opinião recomendavam que ele retrucasse com críticas às privatizações realizadas no governo Fernando Henrique.

É isto que explicaria o fato de Lula, no primeiro turno, ter feito uma campanha moderada, mais voltada para os eleitores de centro, e, no segundo, ter se deslocado para a *esquerda*, com críticas à privatização, a fim de conquistar o voto dos adeptos de Heloísa Helena e Cristovam Buarque, que fizeram campanhas dirigidas para os setores *progressistas* da sociedade.

Portanto, do ponto de vista das estratégias para se chegar ao poder, não há muita diferença entre Lula e Alckmin. É a vitória do pragmatismo na política brasileira, um reconhecimento de que não se ganha uma eleição presidencial sem algum tipo de compromisso com o Brasil dos *grotões*, das periferias metropolitanas pobres e dos centros urbanos modernos.

Nas eleições de 2006 os dois principais candidatos, Lula e Alckmin, utilizaram-se da mesma *fórmula política* e por isso foram os candidatos mais competitivos na disputa presidencial. Foi Lula que conseguiu, porém, articular melhor essas variáveis necessárias à vitória nas urnas.

Cesar Romero Jacob
Professor da PUC-Rio

Dora Rodrigues Hees
Professora da PUC-Rio

Philippe Waniez
Professor da Universidade de Bordeaux, UMR 5185 ADES, França

Violette Brustlein
Cartógrafa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), França

Notas

1. A este propósito, ver: JACOB, Cesar Romero et alii. A eleição presidencial de 1994 no Brasil: uma contribuição à geografia eleitoral. In: *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, vol. IV, n.º. 3, 1997, pp. 17-86; WANIEZ, Philippe et alii. La géographie électorale du Brésil: l'élection présidentielle de 1994. In: *Cahiers des Amériques Latines*, Paris, n.º. 24, 1997, pp. 131-154; JACOB, Cesar Romero et alii. As eleições presidenciais no Brasil pós-ditadura militar: continuidade e mudança na geografia eleitoral. In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, vol.1, n.º.1, 2000, pp. 102-151; WANIEZ, Philippe et alii. Une lecture du nouvel Atlas électorale du Brésil. In: *Lusotopie*, Paris, 2000, pp. 537-577; WANIEZ, Philippe et alii. Après l'élection de Lula, une nouvelle géographie électorale du Brésil? In: *Problèmes d'Amérique Latine*. Paris, n.º. 46/47, 2002, pp. 157-177; JACOB, Cesar Romero et alii. Eleições Presidenciais de 2002 no Brasil: uma nova geografia eleitoral? In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, vol. 3, n.º. 6, 2003, pp. 287-327.

2. Os mapas apresentados neste artigo foram realizados através de Philcarto, *software* de cartografia de dados estatísticos concebido e programado por Philippe Waniez. Os dados eleitorais tiveram por base os resultados oficiais dos dois turnos da eleição presidencial de 2006, que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tornou disponível, através do seu *site* na internet.

3. É nessas regiões do país que os níveis de desigualdade social são mais elevados, o que pode ser visto através de uma série de mapas publicados em trabalho anterior de nossa equipe. Ver, a este propósito, JACOB, Cesar Romero et alii. *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003, pp. 131-154.

4. As microrregiões em que Alckmin cresceu, no segundo turno das eleições de 2006, são as seguintes: Boa Vista (RR), Manaus e Rio Preto da Eva (AM), Belém e Tucuruí (PA), Natal e Macau (RN), Catolé do Rocha (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Rio de Janeiro, Serrana, Lagos e Campos (RJ), São Paulo (SP), Londrina (PR), Florianópolis e Blumenau (SC), Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria, Pelotas e Litoral Lagunar (RS).

Referências bibliográficas

- JACOB, Cesar Romero et alii. As eleições presidenciais no Brasil pós-ditadura militar: continuidade e mudança na geografia eleitoral. In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, v.1, n.º. 1, 2000, pp. 102-151.
- _____. Eleições Presidenciais de 2002 no Brasil: uma nova geografia eleitoral? In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, vol. 3, n.º. 6, 2003, pp. 287-327.
- LOSADA, Rodrigo et alii. *Atlas sobre las elecciones presidenciales de Colombia, 1974-2002*. Bogotá: Javegraf-ADAC, 2004.
- ROMERO BALLIVIÁN, Salvador. *Geografía Electoral de Bolivia*. 3ª ed. La Paz: Fundemos, 2003.
- SIEGFRIED, André. *Tableau politique de la France de l'Ouest*. Paris: Imprimerie Nationale, 1995.
- SONNLEITNER, Willibald. Territorios y fronteras del voto en Centroamérica: hacia una agenda de geografía electoral para el istmo. In: *Trace*. Guatemala, n.º. 48, 2005, pp. 90-108.
- WANIEZ, Philippe et alii. Une lecture du nouvel Atlas électoral du Brésil. In: *Lusotopie*. Paris, 2000, pp. 537-577.
- _____. Après l'élection de Lula, une nouvelle géographie électorale du Brésil? In: *Problèmes d'Amérique Latine*. Paris, n.º. 46/47, 2002, pp. 157-177.

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os resultados da eleição presidencial de 2006, procurando investigar eventuais alterações na geografia eleitoral brasileira, em relação aos padrões identificados no pleito de 2002. Para tal, os autores examinaram os resultados da eleição presidencial de 2006, para o Brasil como um todo, por microrregiões geográficas. A análise dos mapas de cada um dos principais candidatos revelou importantes mudanças na geografia eleitoral do país, com Lula sendo mais votado nas Regiões Norte e Nordeste e Alckmin no Sul e Centro-Oeste.

Palavras-chave

Eleição presidencial; Geografia eleitoral; Comportamento político.

Résumé

Cet article a pour objectif d'analyser les résultats de l'élection présidentielle de 2006, en recherchant d'éventuelles modifications dans la géographie électorale brésilienne, en relation avec les structures déjà identifiées lors du scrutin de 2002. Dans ce but, les auteurs examinent les résultats de l'élection présidentielle de 2006, pour le Brésil considéré comme un tout, sur la base des micro-régions géographiques. L'analyse des cartes de chacun des principaux candidats révèle d'importants changements dans la géographie électorale du pays, avec Lula bien mieux élu dans les régions Nord et Nordeste, et Alckmin dans le Sud et le Centre-Ouest.

Mots-clés

Élection présidentielle; Géographie électorale; Comportement politique.

Fig. 1

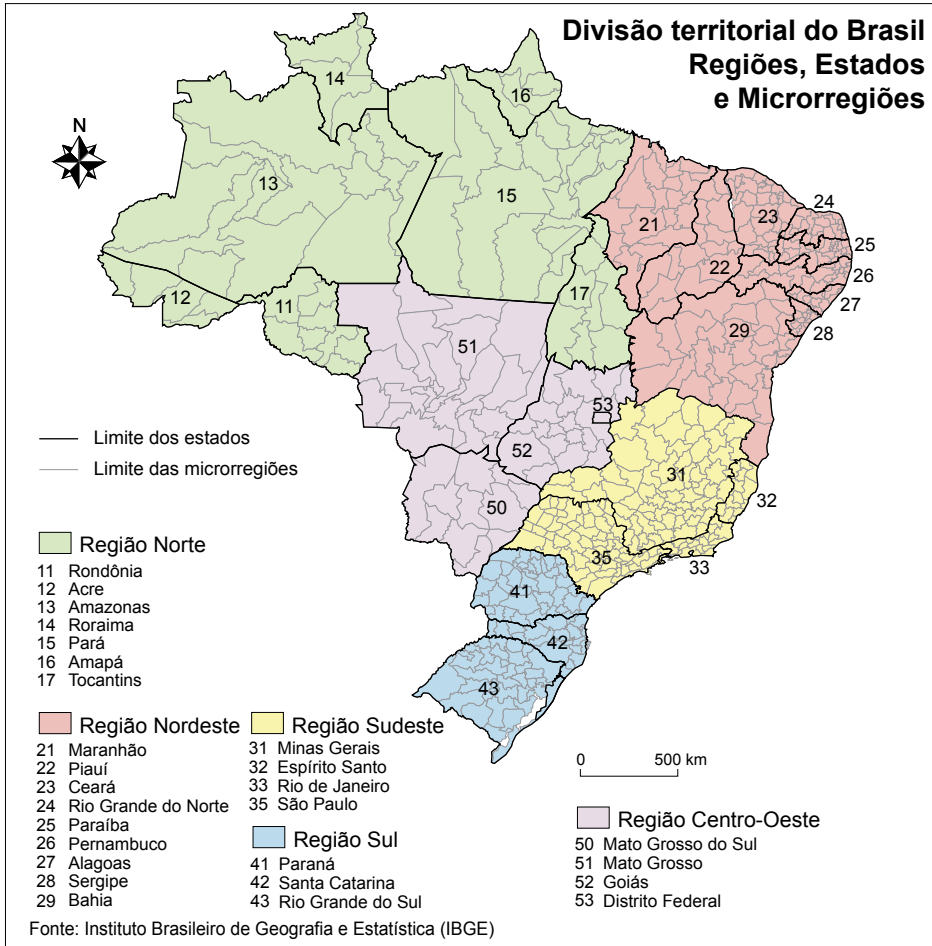


Fig. 2

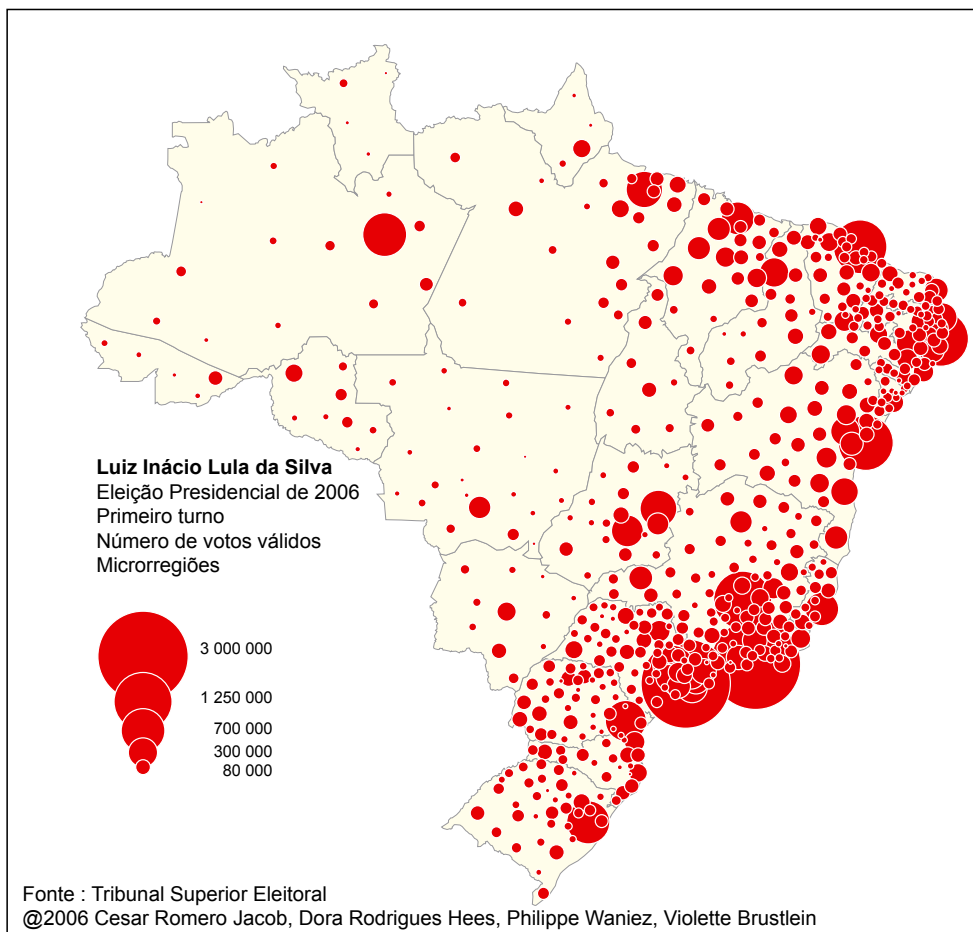


Fig. 3

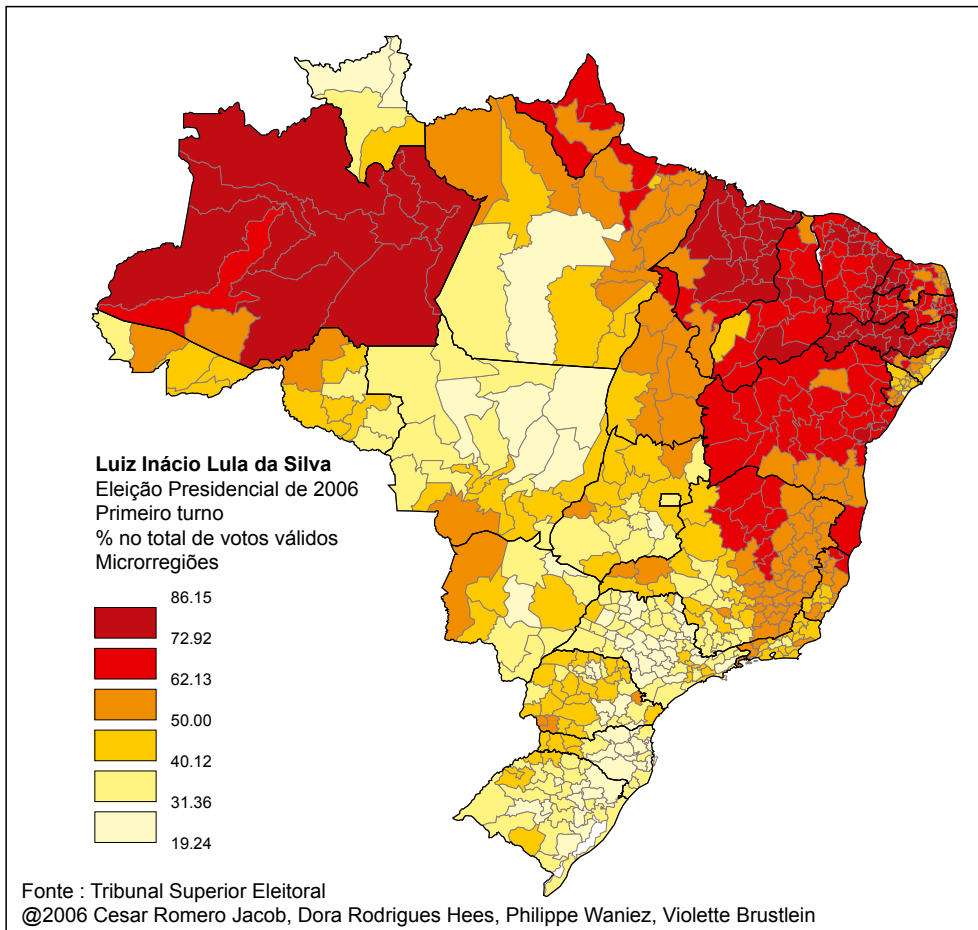


Fig. 4

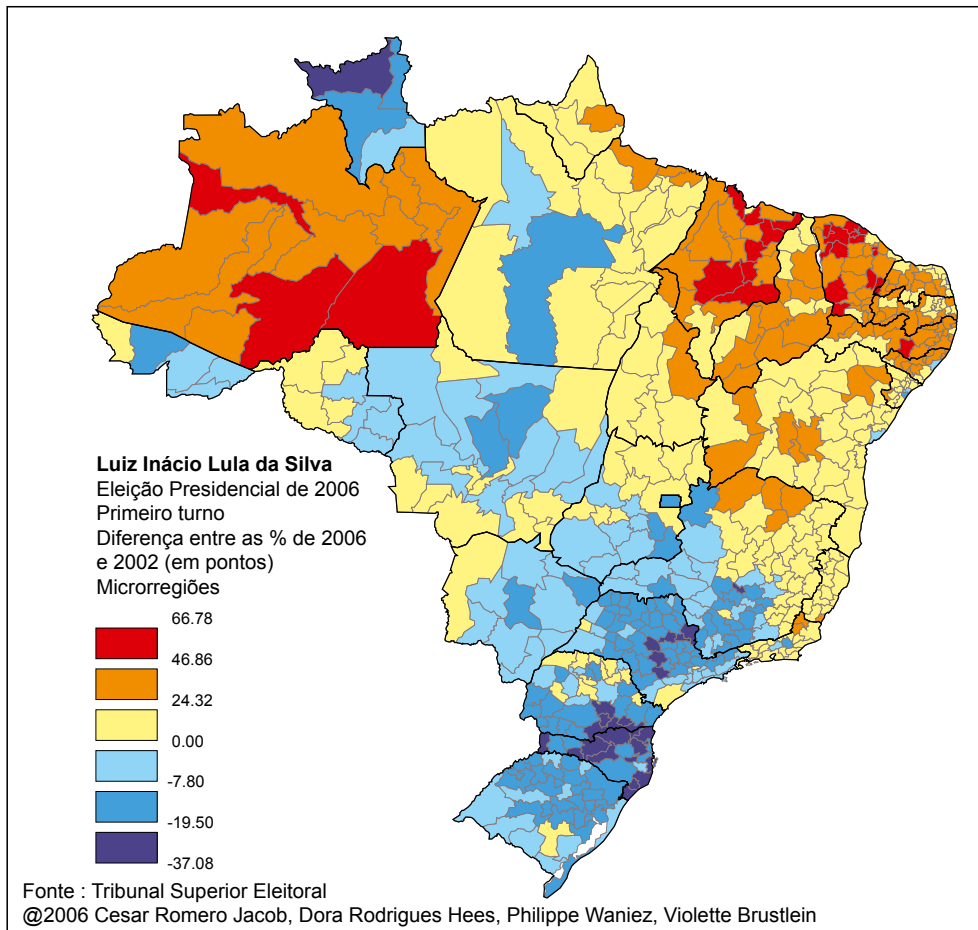


Fig. 5

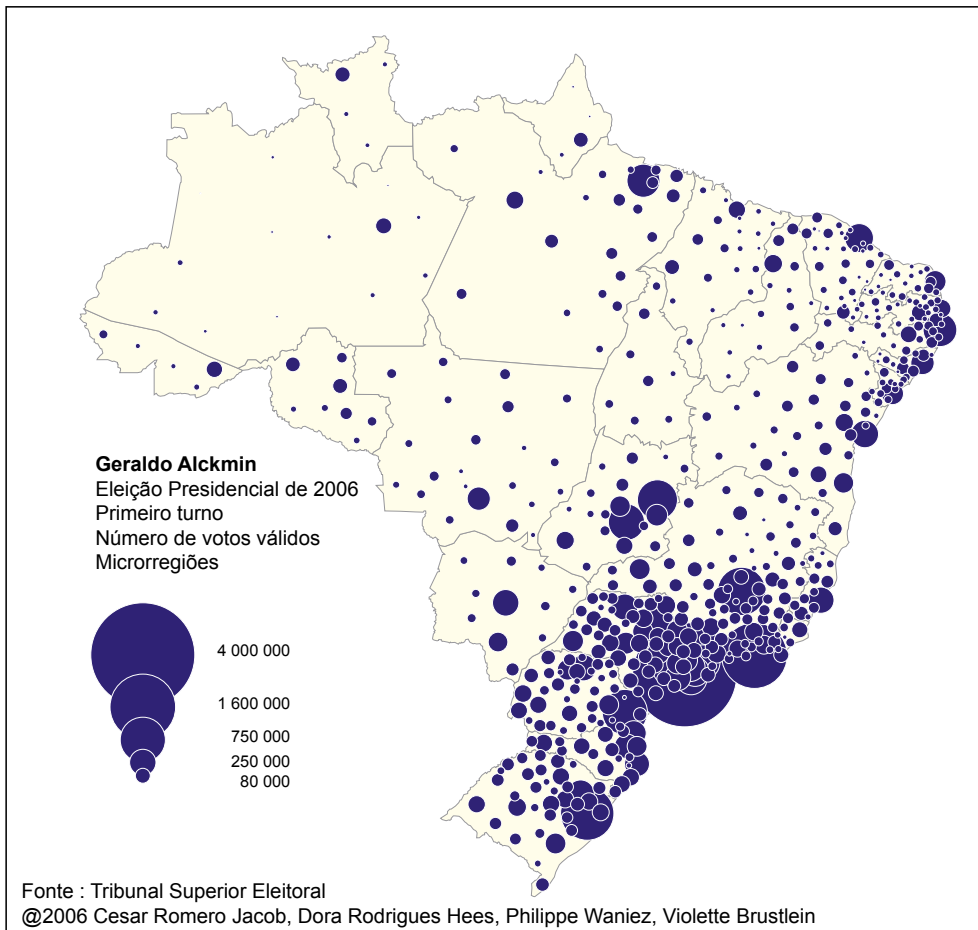


Fig. 6

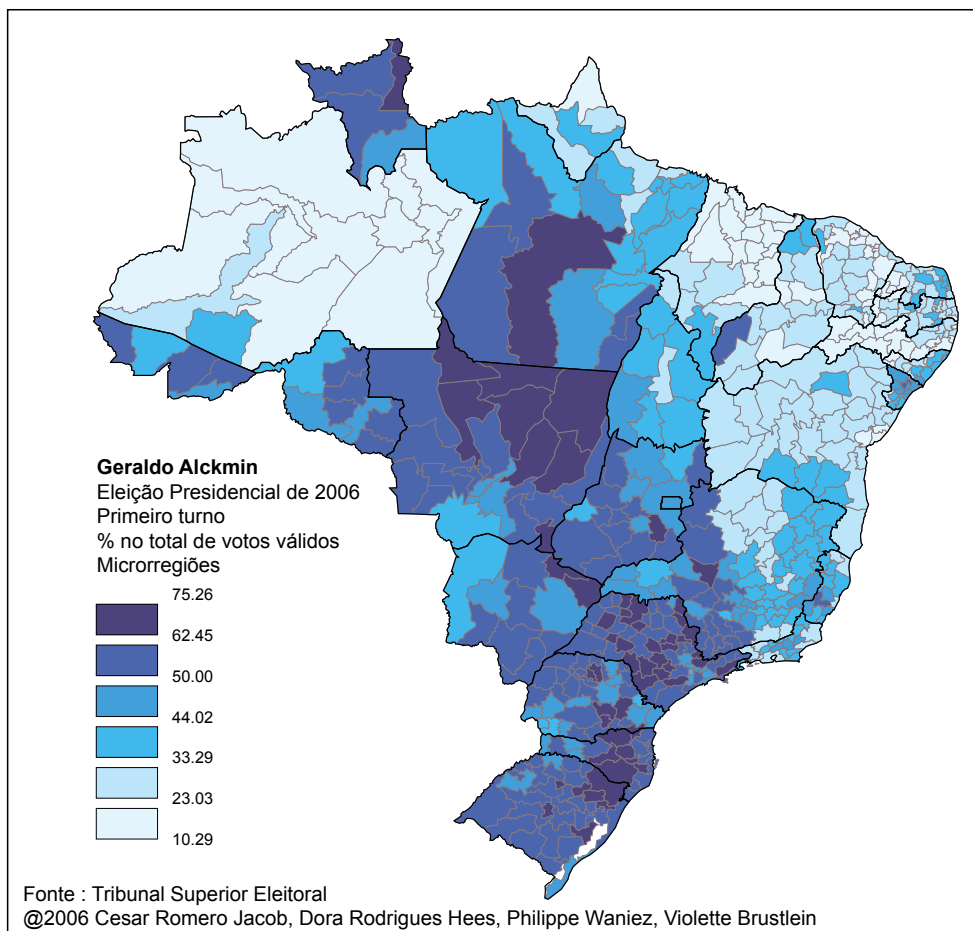


Fig. 7

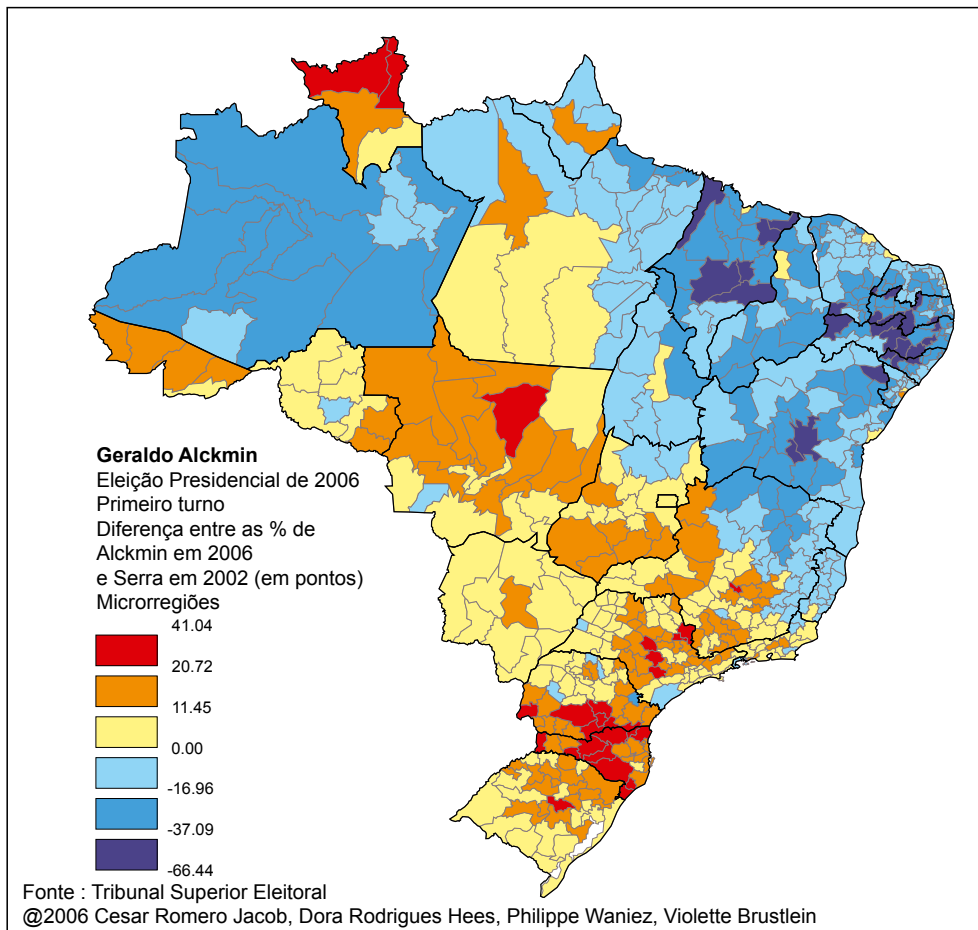


Fig. 8

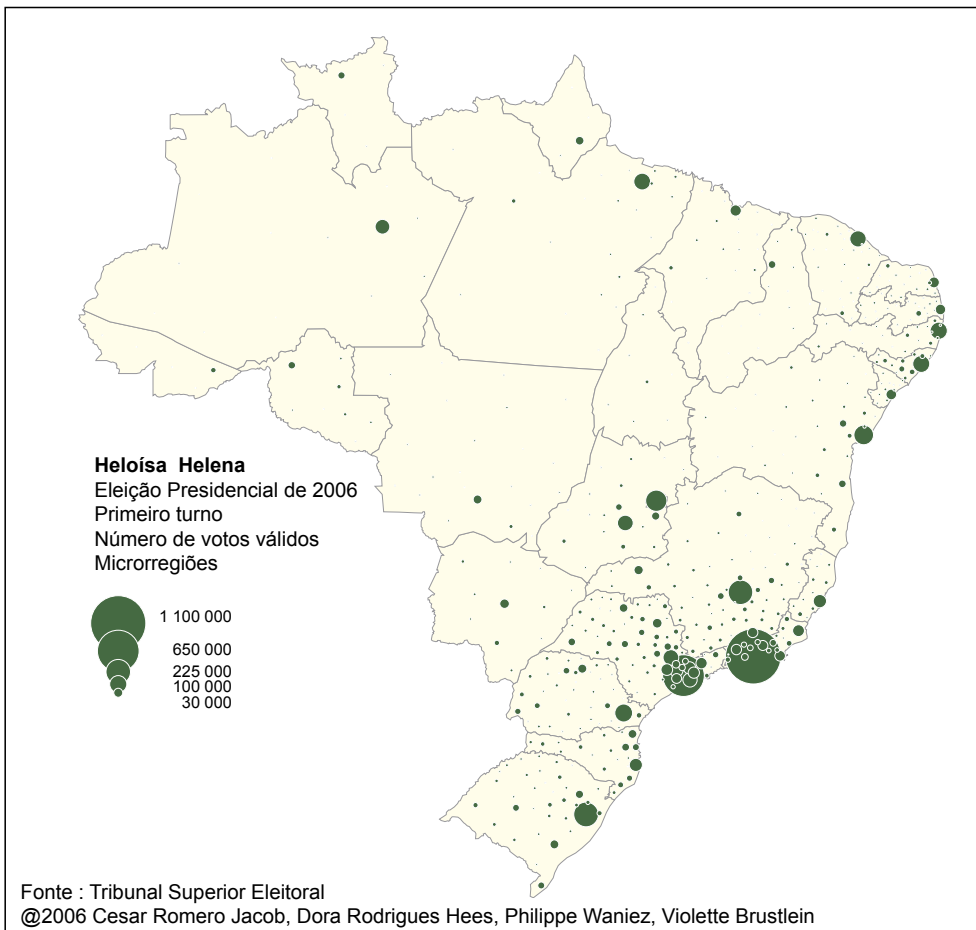


Fig. 9

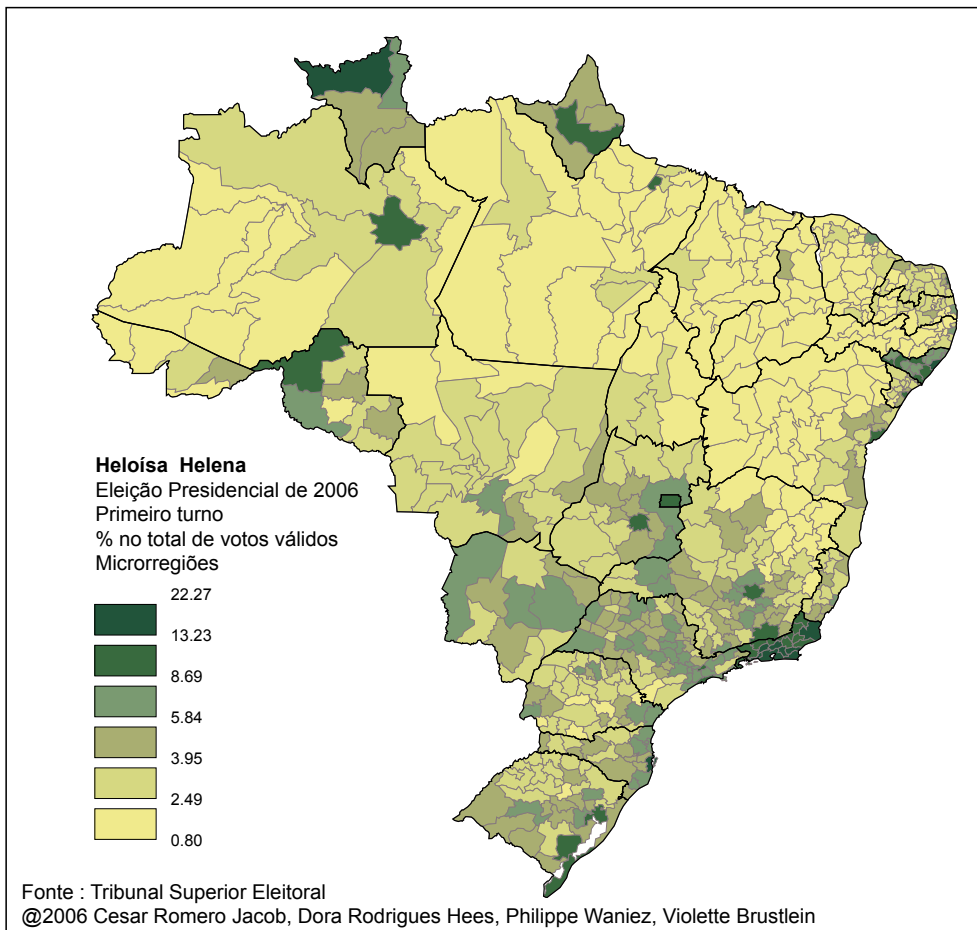


Fig. 10

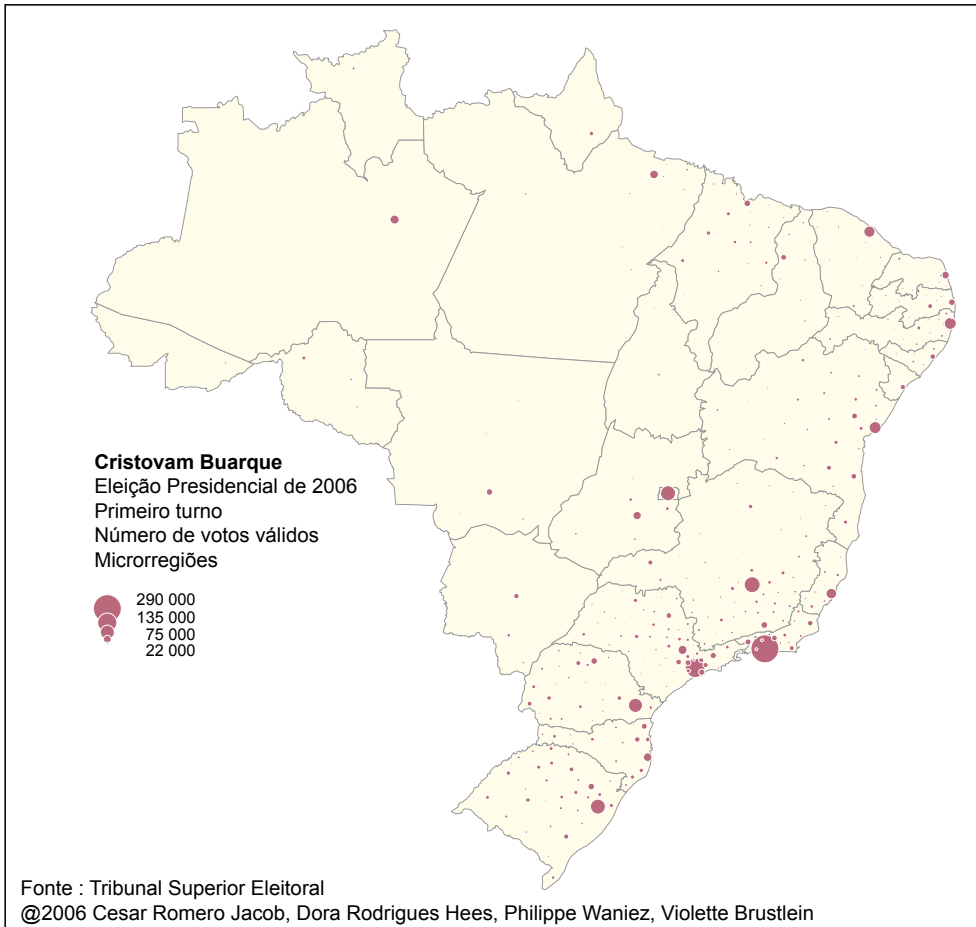


Fig. 11

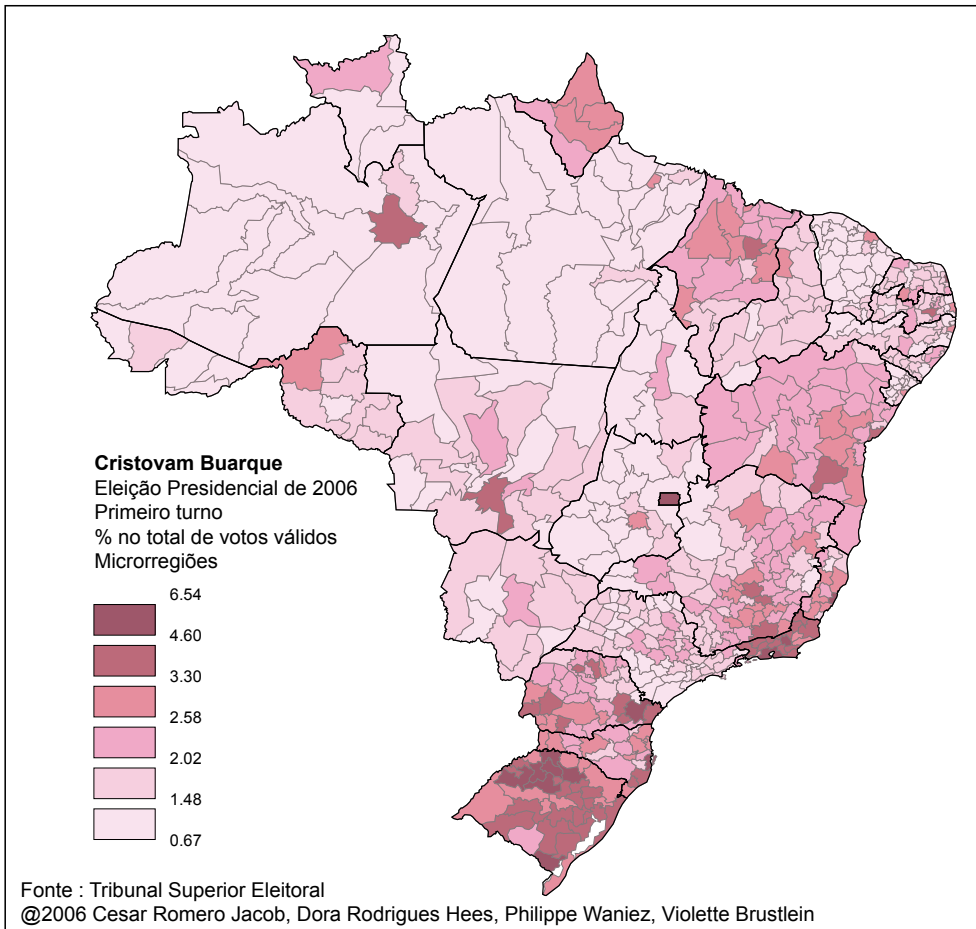


Fig. 12

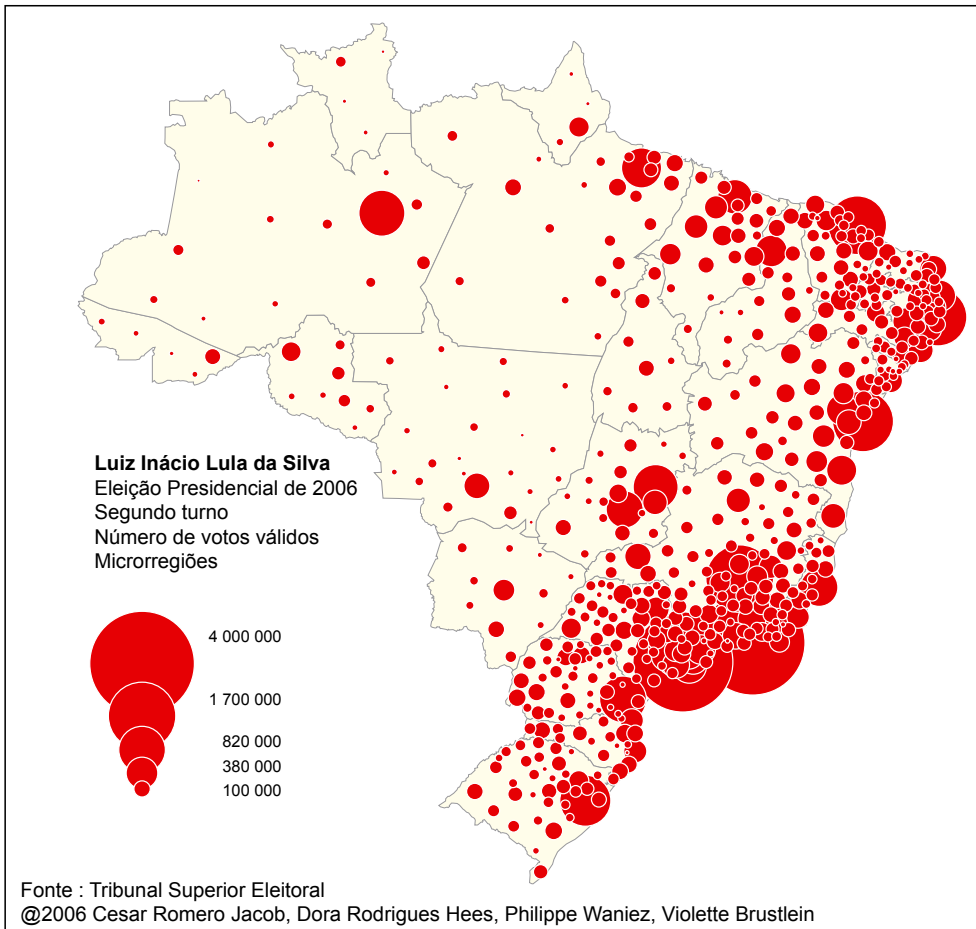


Fig. 13

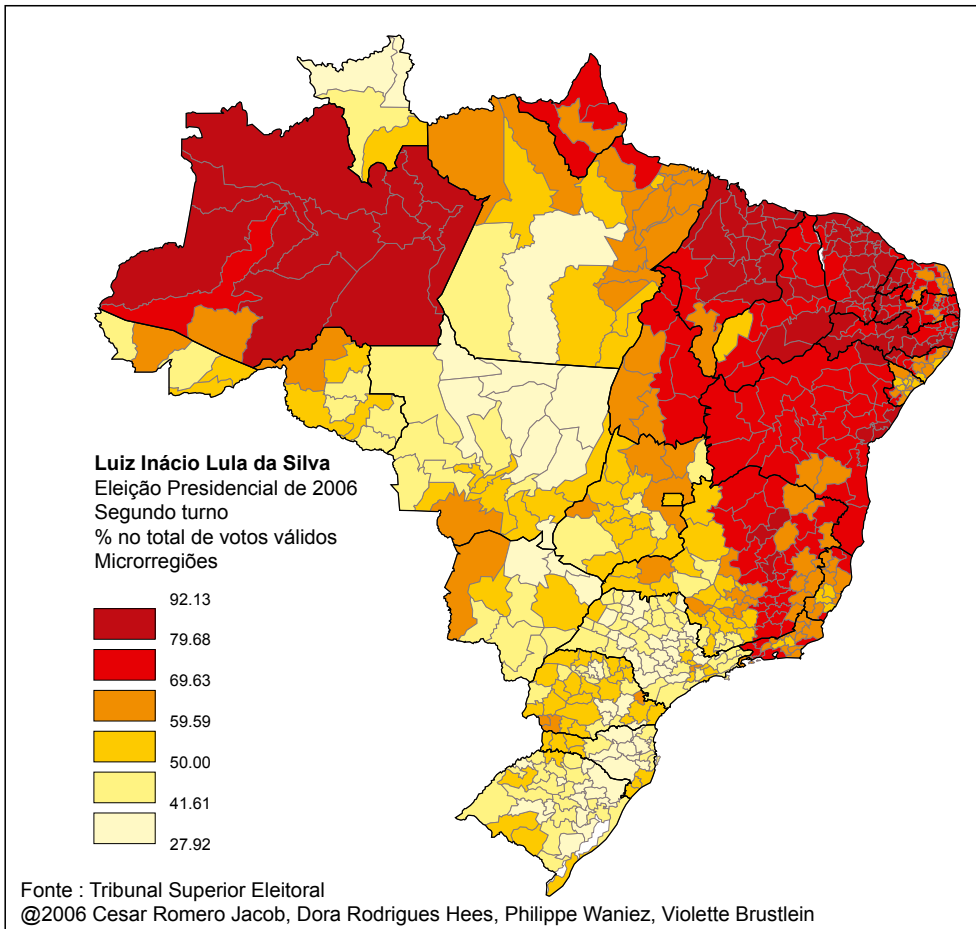


Fig. 14

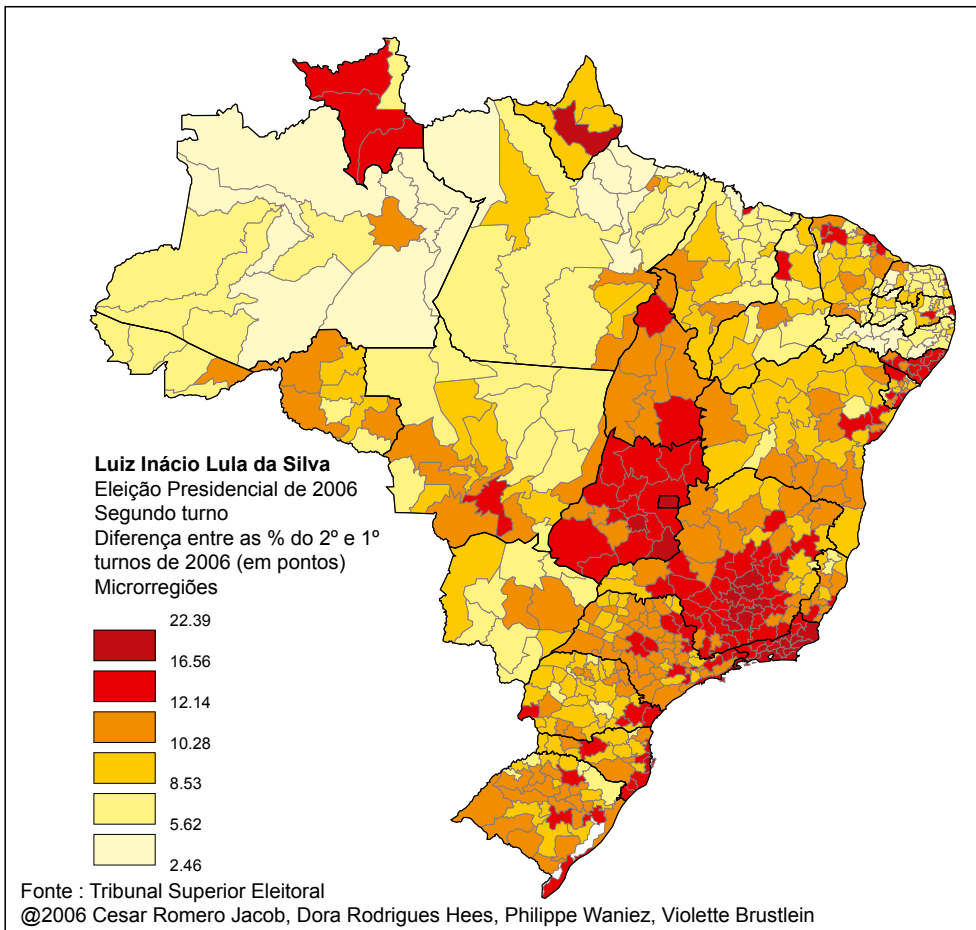


Fig. 15

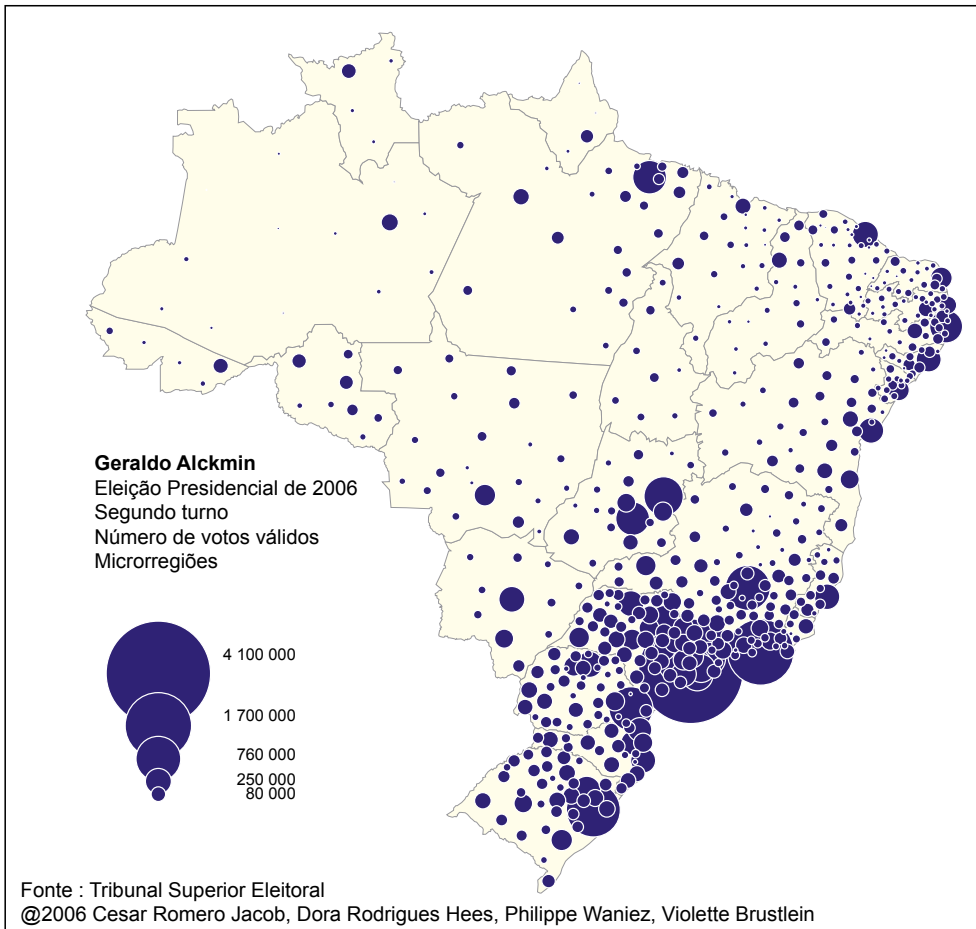


Fig. 16

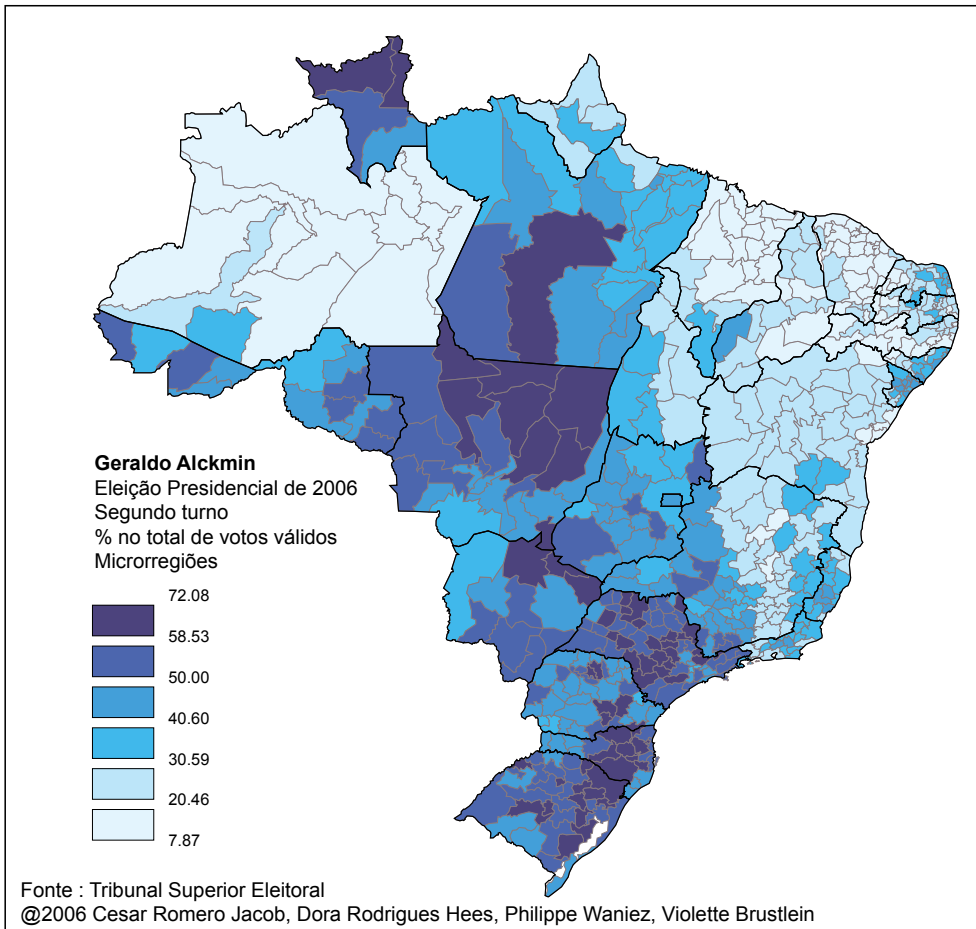


Fig. 17

